

:: **Economia**

Estudo

Ipea revela mudança no padrão da expansão da área plantada de soja, nos últimos três anos

Pastagens degradadas abrem espaço para o plantio de grãos

LUCIANA DE MORAES E MARIANA DURÃO

Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) está gerando polêmica entre os ambientalistas. Diferentemente do que se tem afirmado, o documento sugere que a enorme expansão da área plantada de grãos nos últimos três anos agrícolas (22,8%) deve-se, em sua maior parte, por meio de conversão de pastagens degradadas, e não por desmatamento.

O levantamento do Ipea relata que a expansão de 22,8% da área plantada de soja nos últimos três anos agrícolas difere radicalmente do padrão que prevaleceu durante a década de 90. No período, a área total de lavouras permaneceu constante e todo o aumento da produção agrícola veio de melhorias de produtividade da terra.

O trabalho do Ipea sugere, ainda, que o crescimento repentino tenha sido viabilizado pela maior facilidade de aquisição, por parte dos agricultores, de máquinas e implementos a partir do ano agrícola 2000/2001, graças ao Programa de Modernização da Frota de Tratores e Máquinas Agrícolas (Moderfrota).

Um dos autores do estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o pesquisador Gervásio Castro de Rezende classifica como "invenção" o argumento de que a expansão da soja acaba com a Amazônia. Segundo ele, com a viabilização e expansão do plantio, a política ambiental será melhor implementada.

- A área de plantio da soja é mais visível, facilitando a identificação de novas áreas de agricultura itinerante. Não dá para ficar usando o valor que a Floresta Amazônica tem para demonizar a cultura da soja - dispara Rezende, que é professor de Economia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele afirma que a conclusão do estudo do Ipea foi uma surpresa até mesmo para ele e diz ter constatado que a expansão tão rápida das lavouras não pode ter sido feita sobre terras virgens.

O pesquisador admite a possibilidade de alguma ocupação de cerrado, mas diz que é preciso considerar o alto investimento necessário para ocupar uma área virgem e a baixa produtividade no primeiro ano. "A hipótese mais provável é de que o crescimento tenha se baseado na simbiose entre pecuaristas e lavoureiros", observa Rezende. Ele explica que as pastagens desgastadas são alugadas para lavoureiros interessados em expandir a produção sem comprar novos terrenos. Rezende esclarece que está é uma hipótese levantada pelo estudo.

Pesquisadores do Inpa: Argumento do Ipea é enganoso

a força econômica que a soja dá a obras de infra-estrutura, como o asfaltamento da BR-163, leva à destruição ambiental causada por atividades que não sejam o cultivo do grão, tais como exploração ilegal de madeira, aumento das pastagens e grilagem de terra.

- Também há, sim, florestas convertidas diretamente para lavouras, como mostram as análises de imagens do norte de Mato Grosso feitas por satélites, em recente estudo da organização Amigos da Terra-Amazônia Brasileira e Instituto Sócio-Ambiental-ISA - afirma Alencastro.

Para Maria Emília Pacheco, uma das diretoras da Organização Não-Governamental Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (Fase) e especialista em questões ambientais, a linha de argumentação do Ipea é polêmica e segue a dos grandes plantadores de soja do País. Ela lembra que a expansão de área plantada por conversão de pastagens traz o chamado "efeito arrasto", isto é, quando a soja ocupa essas áreas a pecuária geralmente avança para outras ainda não desmatadas.

- Outro argumento comum é o de que a expansão nas chamadas matas secundárias (que já foram utilizadas anteriormente para o plantio) não é prejudicial. Mas embora não se trate de uma mata nativa, a mata secundária muitas vezes está se regenerando por um longo período e já tem características próximas às da mata virgem - explica.

Diferentemente de ambientalistas, o pesquisador do Ipea defende o asfaltamento da BR-163. Ele avalia que a obra de infra-estrutura colaborará para a valorização da terra, expulsando produtores irregulares, como madeireiros e pecuaristas de baixa produtividade. Para Rezende, esses agricultores e pecuaristas poderão se valer dos empregos gerados pela expansão da soja. No entanto, o especialista reconhece que tudo isso depende de fiscalização e regulamentação fundiária eficazes.

Maria Emília, da Fase, lembra que o asfaltamento da BR-163, por si só, não é combatido, mas sim a forma como está sendo proposto. "Por trás do desmatamento e desse tipo de obra sempre vêm a especulação de terras, violência e exclusão social da população. O que se prega é que antes haja uma regulamentação fundiária no local", acrescenta.

No estudo "O cultivo da soja como ameaça ao meio ambiente", Fearnside argumenta! que o cultivo da soja é mais prejudicial do que outras culturas por exigir grandes projetos de infra-estrutura de transporte, que, por sua vez, conduzem à destruição de habitats naturais em grandes extensões. O pesquisador do Inpa recomenda a criação de áreas protegidas com antecedência ao estabelecimento das fronteiras de soja e a eliminação dos diversos subsídios que aceleram a expansão da soja além do que aconteceria sob as forças de mercado.